

Inclusão e Educação 3

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)

Inclusão e Educação

3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I37 Inclusão e educação 3 [recurso eletrônico] / Organizadoras Danielle H. A. Machado, Janaína Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Inclusão e Educação; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-031-5

DOI 10.22533/at.ed.315191501

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação inclusiva. 4. Incapacidade intelectual. I. Machado,
Danielle H. A. II. Cazini, Janaína. III. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação e Inclusão: Desafios e oportunidades em todos as séries educacionais” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu III volume, com 18 capítulos, apresentam estudos sobre Paralisia cerebral; Autismo; Tratamento; Estimulação sensorial; Fisioterapia; Comunicação alternativa; aplicadas na educação com objetivo de sensibilizar, produzir conhecimento e mobilizar os leitores para as possibilidades e potencialidades dos discentes que possui alguma deficiência intelectual.

A Educação Inclusiva é colocada a luz da reflexão social desde 1988 com a Constituição Federal Brasileira onde garante que a educação é um direito de todos e é dever do Estado oferecer Atendimento Educacional Especializado, preferencialmente na Rede regular de ensino. Porém somente em 2001 com a Resolução n2 e o Parecer n 9 que se evidencia como esse processo de inclusão educacional de pessoas com deficiência deve ser feito, fomentando uma comoção em todos as esferas educacionais como o currículo escolar, formação de docentes e didática de ensino.

Colaborando com essa transformação educacional, este volume III é dedicado ao público de cidadãos Brasileiros que possuem alguma das diversas deficiências intelectuais as quais podem comprometer seu processo de cognição, trazendo artigos que abordam: Revisões Literárias para aprofundamento do tema; experiências do ensino e aprendizagem, no âmbito escolar, desde as séries iniciais até a o ensino universitário que obtiveram sucessos; A fisioterapia e o Estimulo Sensorial como ferramentas de apoio ao desenvolvimento do discente; As tecnologias que ampliam as habilidades funcionais e, assim, promovem uma vida independente.

Por fim, esperamos que este livro possa fortalecer o movimento de inclusão social, colaborando e instigando professores, pedagogos e pesquisadores a pratica da educação inclusiva ao desenvolvimento de instrumentos metodológicos, tecnológicos, educacionais que corroboram com a formação integral do cidadão.

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: CAMINHOS PARA A EFETIVAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS	
<i>Giuzza Ferreira da Costa Victório</i>	
<i>Maria do Socorro Sales Felipe Bezerra</i>	
<i>Francimar Batista Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3151915011	
CAPÍTULO 2	9
ASPECTOS FACILITADORES PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO REGULAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA	
<i>Vera Lucia Mendonça Nunes</i>	
<i>Graziele Perpétua Fernandes Mello</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3151915012	
CAPÍTULO 3	17
INCLUSÃO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO	
<i>Leidy Jane Claudino de Lima</i>	
<i>Jorge Fernando Hermida</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3151915013	
CAPÍTULO 4	33
O ACESSO E A PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL PROF. JOSÉ DE SOUZA – ZEZÃO	
<i>Francimar Batista Silva</i>	
<i>Edilmar Galeano Marques</i>	
<i>Patricia Lima Domingos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3151915014	
CAPÍTULO 5	42
AVALIAÇÃO EDUCACIONAL FRENTE À INCLUSÃO: AÇÃO DOCENTE NO ENSINO COMUM DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA	
<i>Martha Milene Fontenelle Carvalho</i>	
<i>George Pimentel Fernandes</i>	
<i>Rosane Santos Gueudeville</i>	
<i>Ana Patrícia Silveira</i>	
<i>Calebe Lucas Feitosa Campelo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3151915015	
CAPÍTULO 6	52
O AUTISTA NA CONVIVÊNCIA DO ESPAÇO ESCOLAR	
<i>Janine Marta Coelho Rodrigues</i>	
<i>Aureliana da Silva Tavares</i>	
<i>Suely Aragão Azevêdo Viana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3151915016	
CAPÍTULO 7	60
APRENDIZADO MUSICAL E DIMINUIÇÃO DE ESTEREOTIPIAS EM CRIANÇAS COM AUTISMO – ESTUDO DE CASO	
<i>Valéria Peres Asnis</i>	
<i>Nassim Chamel Elias</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3151915017	

CAPÍTULO 8 69

MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL NO MUNICÍPIO DE JACOBINA

Kátia Cristina Novaes Leite

Maikson Damasceno Machado

Eliata Silva

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

DOI 10.22533/at.ed.3151915018

CAPÍTULO 9 80

BONECAS COM DEFICIÊNCIA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Circe Mara Marques

Leni Vieira Dornelles

DOI 10.22533/at.ed.3151915019

CAPÍTULO 10 92

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO SUDOKU

Denise Vares Seixas

Zoraide de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.31519150110

CAPÍTULO 11 98

O DISPOSITIVO TECNOLÓGICO READSPEAKER COMO RECURSO À VERBALIZAÇÃO PARA ALUNA COM PARALISIA CEREBRAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Adilia Maria Pires Sciarra

Fernando Batigália

DOI 10.22533/at.ed.31519150111

CAPÍTULO 12 106

UMA ANÁLISE SOBRE A RELAÇÃO DE APEGO DE UMA CRIANÇA COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vanessa Nicolau Freitas dos Santos

Pompeia Villachan Lyra

DOI 10.22533/at.ed.31519150112

CAPÍTULO 13 117

A FISIOTERAPIA APLICADA EM CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL UTILIZANDO OS PRINCÍPIOS DA INTEGRAÇÃO SENSORIAL

Cristiane Gonçalves Ribas

Jessika Kussem Santos

Flávia Letícia Martins Santos

DOI 10.22533/at.ed.31519150113

CAPÍTULO 14 134

A TERAPIA OCUPACIONAL EM UM SERVIÇO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE ENSINO SUPERIOR – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Débora da Silva Firino Felismino

Cristyeleadjerfferssa Katariny Vasconcelos Mauricio

Juliana Peixoto Carvalho

Lívia Caroline Alves Souza

Andreza Aparecida Polia

DOI 10.22533/at.ed.31519150114

CAPÍTULO 15	143
COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA COM GESTOS E OBJETOS PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA SENSORIAL	
<i>Flavia Daniela dos Santos Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.31519150115	
CAPÍTULO 16	153
GRUPO TERAPÊUTICO DE ATIVIDADES LÚDICO DESPORTIVAS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Inglis Araújo da Silva Gomes</i>	
<i>Juliana Cristina Salvadori</i>	
<i>Kátia Cristina Novaes Leite</i>	
DOI 10.22533/at.ed.31519150116	
CAPÍTULO 17	162
VIRTUALIZAÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO/LETRAMENTO DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL POR MEIO DOS JOGOS ONLINE	
<i>Patrícia Souza Leal Pinheiro</i>	
<i>Maria Inês Corrêa Marques</i>	
<i>Eduardo Chagas Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.31519150117	
CAPÍTULO 18	173
O USO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA COMO FACILITADORA DO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL	
<i>Shirley de Souza Silva</i>	
<i>Pâmela dos Santos Rocha</i>	
<i>Lídia Maria da Silva Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.31519150118	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	180

GRUPO TERAPÊUTICO DE ATIVIDADES LÚDICO DESPORTIVAS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Inglis Araújo da Silva Gomes

Mestranda em Educação e Diversidade, UNEB-
CAMPUS IV. inglisaraujo@hotmail.com

Juliana Cristina Salvadori

Doutorado na área de Literaturas de Língua
Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica
(MG). Professora Assistente do Curso de Letras
Língua Inglesa e Literaturas (UNEB)
[Jacobina. ju.salvadori@gmail.com](mailto:jacobina.ju.salvadori@gmail.com)

Kátia Cristina Novaes Leite

Mestra em Educação e Diversidade, UNEB-
CAMPUS IV. katialeite.ba@gmail.com

RESUMO: O processo de inclusão escolar da pessoa com deficiência demanda de diversos atores, dentre eles o professor e os cuidadores, a alteração de suas práticas pedagógicas que devem visar à independência funcional da pessoa com deficiência. Logo, o acesso à equipe multidisciplinar, em que além do professor temos o profissional de saúde, faz-se de suma importância para o desenvolvimento dessa independência e efetiva inclusão. Este estudo é um relato de experiência da implantação de um grupo terapêutico com doze alunos com deficiência intelectual e múltipla e/ou transtornos globais do desenvolvimento com faixa etária entre 25 a 40 anos, do Centro de Atendimento Especializado/ Associação de Pais e amigos dos Excepcionais (CAEE / APAE) no município de Jacobina-BA, por

profissionais Fisioterapeutas do Centro de Reabilitação (CER II), com a colaboração de uma equipe multidisciplinar e de mediadores, de modo a coadunar práticas pedagógicas para independência e autonomia dos participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Grupos terapêuticos; Deficiência Intelectual; Práticas pedagógicas.

1 | INTRODUÇÃO

A busca por efetiva inclusão de pessoas com deficiência na sociedade está cada vez mais visibilizada por meio das demandas postas por diversos movimentos sociais que compreendem a diversidade e a deficiência a partir de uma perspectiva social (ÁVILA, 2008). As várias conquistas alcançadas têm se consolidado por meio de dispositivos legais que vem compor uma política pública de apoio à criança e ao adolescente, bem como das pessoas com deficiência. A Lei n.º 8.069/1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente, dispõe no art.54, inciso III sobre a educação que é dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente atendimento especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. A Declaração de Salamanca e suas Linhas de Ação (1994) corroboram este princípio fundamental do

atendimento à todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. A política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2008) objetiva assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir o acesso ao ensino regular com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino. O Decreto n.º6.571/2008, ao dispor sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do artigo 60 da Lei n.º9.394/1996 e acrescenta dispositivo ao Decreto n.º6.253, 13/11/2007, passando a considerar atendimento educacional especializado o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestados de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos do ensino regular. Segundo o Ministério da Educação (parecer CEB n.º17, de 2001), define Necessidades Especiais de Aprendizagem quaisquer condições decorrentes de fatores genéticos, inatos ou ambientais, de caráter temporário ou permanente e que, em interação dinâmica com fatores socioambientais, resultam em necessidades muito diferenciadas da maioria das pessoas em relação à maneira como um indivíduo se apropria do conhecimento e interage em relação formal (escolar) de aprendizagem. Portanto em termos legais a inclusão da pessoa com deficiência já é uma realidade em diversos espaços sociais, inclusive na escola.

A escola como principal responsável pela educação dessas pessoas ainda é um ambiente de desafios e lutas, pois o processo de aprendizagem ainda está focado nas dificuldades que o aluno apresenta e não nas possibilidades de aprendizagem destes indivíduos. Quando falamos de grupos culturalmente diferentes, o de pessoas com deficiência, logo nos dirigimos para o cenário da educação especial, um dos espaços privilegiados onde se travam as discussões e representações acerca das políticas educacionais para os sujeitos deficientes (LUNARDI, 2001). A inclusão no processo educacional da pessoa com deficiência também consiste na compreensão da família a respeito da deficiência da criança e de sua efetiva participação, pois a mesma sofre um impacto, mesmo que momentâneo, com o nascimento de um filho deficiente (NOBRE, 2008). A inclusão da pessoa com deficiência necessita, portanto, de um novo arranjo que estimulasse, cotidianamente, a produção de novos padrões de interrelação entre equipe e usuários, ampliasse o compromisso dos profissionais com a produção de saúde e quebrasse obstáculos organizacionais à comunicação (CAMPOS, 1999).

A dinâmica de grupo como sendo um excelente recurso para um amplo leque de aplicações, tanto na saúde física e mental, como também nos múltiplos aspectos da cultura e numa diversidade de outros campos humanísticos, como na promoção da saúde mental, educação de crianças e pais, nas escolas, no campo da medicina, de instituições (ZIMERMAN, 2007). Aprender em grupo significa uma leitura crítica da realidade, uma atitude investigadora, uma abertura para as dúvidas e para as novas inquietações (BASTOS, 2011). Tendo em vista esse modelo de aprendizagem

o objetivo desse trabalho é relatar a experiência das atividades desenvolvidas em um grupo terapêutico com pessoas com deficiência intelectual ou múltipla na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), na cidade de Jacobina- BA, organizados por Fisioterapeutas do Centro Especializado de Referência (CER II) que contempla a área de saúde da referida instituição.

2 | PERCURSO METODOLÓGICO

O grupo terapêutico de adultos com deficiência intelectual foi composto por alunos da APAE em Jacobina. Fundada em 10 de setembro 1988, a instituição segundo seu estatuto possui as seguintes finalidades:

A APAE de Jacobina é uma associação civil, beneficente, com atuação nas áreas de assistência social, educação, saúde, prevenção, trabalho, profissionalização, defesa e garantia de direitos, esporte, cultura, lazer, estudo, pesquisa e outros, sem fins lucrativos ou de fins não econômicos, com duração indeterminada (APAE, ESTATUTO, 2015, p. 01)

Ainda segundo o Estatuto em seu artigo 9º, a escola destina-se ao atendimento das pessoas com deficiência, preferencialmente intelectual e múltipla, e transtornos globais do desenvolvimento, em seus ciclos de vida: crianças, adolescentes, adultos e idosos, oferecendo à pessoa portadora de necessidades especiais, programas educacionais que estimulam o seu potencial e o desenvolvimento global, visando auxiliar na inclusão escolar e a inserção no Mercado de Trabalho. A escola fundada em 1988, que deu origem à associação atualmente funciona como Centro de atendimento Educacional Especializado (CAEE), que além de apoiar os processos de inclusão escolar dos alunos, preocupa-se também com a formação de profisses (BRASIL, 2017). Em 2017, a área da saúde da APAE, passou a ser um Centro de Reabilitação (CER II), habilitada pela Portaria nº 1.136, de 19 de setembro de 2016, o CER II oferece atendimento à Jacobina e à microrregião, é uma iniciativa do Governo Federal através do Ministério da Saúde, composta por uma equipe multidisciplinar (BRASIL, 2016). Neste contexto, percebeu-se a necessidade de profissionais de saúde atuarem dentro do cenário da escola a fim de criar grupos que possam ampliar o conceito de inclusão não só do aluno bem como dos professores e da família/cuidadores. Os grupos, podem servir para amenizar a dominação exercida pelos serviços de saúde que se limitam ao caráter coercitivo e de autoridade e prescrição, ao invés de manterem como objetivo a difusão a melhoria da qualidade de vida (MAFFACCIOLLI, 2011).

Nessa perspectiva, foi inserido nas atividades dos profissionais do CER II, a criação de grupos terapêuticos específicos para cada área de atuação, onde cada equipe de profissionais criaram grupos para atender demandas específicas. A equipe de fisioterapeutas criou três grupos terapêuticos. O grupo com os cuidadores, os

grupos com os professores e o grupo com os alunos. O grupo com os alunos foi criado com o objetivo de explorar o aprendizado neuromotor através de brincadeiras lúdicas e através de iniciação de atividades desportivas. Uma vez que os grupos terapêuticos são comuns na abordagem da saúde mental, mas ainda há poucas experiências na multidisciplinaridade.

O projeto piloto com o grupo terapêutico com os alunos iniciou no dia 07 de junho de 2017, com duração prevista de um semestre, e tem previsão para o término de suas atividades no dia 29 de novembro de 2017. Foram realizados seis encontros que serão relatados neste estudo. Participaram das atividades 12 alunos com deficiência física e intelectual dentre elas, Síndrome de Down, Autismo, Paralisia Cerebral, dentre outras, com idade entre 25 a 40 anos que estavam aptos fisicamente, através da prática de atividades lúdicas e desportivas. O grupo foi coordenado por dois fisioterapeutas do CER II, com o auxílio de uma voluntária, profissional da área de Educação Física e uma discente extensionista da UNEB CAPUS IV, licencianda em História. As atividades do grupo aconteceram quinzenalmente com duração de quarenta minutos a sessenta minutos, dia de quarta com os alunos no turno vespertino. Serão relatadas as experiências das atividades desenvolvidas a partir do que foi documentado nos relatórios e da observação da autora.

3 | RELEVÂNCIA DO TEMA

A busca por novos estudos e pesquisas a respeito das questões que envolvem o processo de inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, estão cada vez mais presentes. A escola como principal responsável pela educação dessas pessoas ainda é um ambiente de desafios e lutas, pois o processo de aprendizagem ainda está focado nas dificuldades que o aluno apresenta e não na funcionalidade. De acordo com Nobre, (2008) as formas de proporcionar apoio às famílias tem sido objeto de preocupação de estudos que destacam a necessidade de gerar apoio para a diminuição do stress estimulando assim a própria evolução da criança.

Além disso, outro fato que torna a pesquisa necessária é o CAEE / APAE de Jacobina, possuir 100 alunos com deficiência intelectual ou múltipla, sendo intelectual e física, autismo e outras especificidades e contar com uma equipe multiprofissional do CER II, sendo que fazem parte da equipe quatro Fisioterapeutas, espaço esse que permite no campo da educação e saúde um ambiente rico, para experimentação de grupos terapêuticos que desenvolvam práticas pedagógicas com o intuito de romper com os desafios encontrados na educação especial, por meio de espaços que proporcionem para além de conhecimento técnico- pedagógico.

4 | DESENVOLVIMENTO DO TEMA

De acordo com Cidade (1997), ao analisarmos a aprendizagem motora de pessoas com deficiência não podemos desconsiderar a atuação de suas habilidades cognitivas (atenção, memória, resolução de problemas, generalização da aprendizagem) durante o todo o processo. Ainda segundo Souza (2003), em seu estudo diz que a inclusão implica em gestão democrática na escola e que discutir inclusão torna-se tarefa ainda bastante complicada. De acordo com Aguiar, 2005:

Pode-se mesmo dizer, que há múltiplos aspectos a serem considerados para a implementação de uma escola inclusiva. Dentre esses estão o oferecimento de cursos de reciclagem para capacitação de docentes; a importância da existência de um corpo técnico especializado; o apoio da família do aluno com necessidades especiais; o número de alunos na classe; a eliminação de barreiras arquitetônicas; a revisão pela sociedade civil da concepção sobre a pessoa com necessidades especiais; o apoio da sociedade política; a destinação de verbas; a adequação de currículos, metodologias de ensino, recursos didáticos e materiais e sistemas de avaliação (AGUIAR, 2005, p. 226,227).

As experiências do projeto piloto do grupo terapêutico com os alunos da APAE com necessidades específicas foram divididas em subtópicos para facilitar o melhor entendimento das atividades propostas.

4.1 Cantigas de Roda e Ludicidade

Os dois primeiros encontros tiveram como objetivo principal o resgate da ludicidade no processo de estímulo do aprendizado neuromotor visando estimular as diferentes áreas cerebrais e a interação entre o grupo e os responsáveis por conduzir as atividades do grupo. No primeiro encontro as atividades desenvolvidas iniciaram pela reprodução do filme *Porque Heloisa?* Após o filme, cada aluno disse o que achou mais interessante e em seguida fizemos um breve apanhado sobre superação. O objetivo do filme era fazer os alunos refletirem sobre as dificuldades enfrentadas por uma criança com paralisia e a sua superação na escola e no cotidiano. O resultado alcançado foi que os alunos interagiram, falaram o que acharam interessante no vídeo e compreenderam o objetivo da atividade. Em seguida foi realizada Atividade com balões: nessa atividade foram utilizados balões e o objetivo era os alunos utilizarem as pernas e os pés para não deixar o balão cair. Houve uma boa interação, todos participaram, se divertiram, puderam movimentar seus corpos livremente e expressar-se de acordo com as suas possibilidades. Observou-se uma boa propriocepção e equilíbrio durante a atividade. Foi realizada a Atividade de jogar a bola na cesta, onde observou-se a concentração, o equilíbrio e a força muscular que os alunos utilizaram para realiza-la. Percebeu-se dificuldade na concentração. Por fim foi realizado Jogo de memória feito com gravuras coladas em prato descartável de parte da anatomia do corpo. Para estimular a consciência corporal e a concentração. Todos entenderam a

lógica do jogo e desenvolveram bem a atividade.

4.2 Alongamento e Orientação Postural para a Prática Das Atividades

Os alongamentos foram realizados antes e depois de todas as atividades, como intuito de prevenir lesões musculoesqueléticas e promover o aquecimento para o início das atividades e o relaxamento no encerramento das atividades em cada encontro. Foi observado a postura de cada aluno bem como a correção da mesma pelos profissionais fisioterapeutas. Quando havia limitação por determinada condição física o aluno era orientado a não realizar a atividade.

4.3 Iniciação do Futsal

O terceiro encontro deu-se com a participação de mais uma profissional, a educadora física voluntária da APAE, com o objetivo de iniciar o futsal com os alunos, também a colaboração de uma discente em História e organização de dois Fisioterapeutas do CERII. O objetivo foi ensinar as etapas do futsal para trabalhar as habilidades neuromotoras dos alunos.

A primeira atividade foi de passar a bola: por cima, pelo lado direito, pelo lado esquerdo, por baixo das pernas. Os alunos foram organizados em duas colunas lado a lado (homens X mulheres). O primeiro aluno de cada coluna ficou com uma bola; ao sinal do professor, a bola era passada com os braços ao colega de trás, até o último colega da coluna; o último aluno, ao apanhar a bola, teve que correr para a posição do início da coluna, reiniciando a passagem. Os alunos desenvolveram bem essa atividade, todos participaram e houve boa interação, os alunos com Paralisia Cerebral realizaram a atividade mais lentamente. Em seguida foi realizada a atividade denominada como Contorno de cone com a bola. Os alunos foram divididos em duas fileiras, foi colocado um cone na frente de cada fila à aproximadamente dois metros de distância, o primeiro de cada fila deveria chutar a bola devagar até contornar o cone e depois ir para o final da fila esperar a sua vez novamente. Os alunos com síndrome de Down desenvolveram melhor essa atividade. Para a terceira atividade denominada Toca de coelho, foram desenhados círculos no chão, devendo ficar dois alunos sem toca. Ao dizer: Coelhinho sai da Toca!, todos teriam que mudar de toca, e o que ficasse fora saía da brincadeira. Os alunos com síndrome de Down foram os primeiros a sair da brincadeira.

No segundo encontro: Iniciação do Futsal. As atividades desenvolvidas foram: Fazer uma trave com dois cones, fazer duas filas; o primeiro da fila chutava para fazer o gol e iria para o final da fila esperar sua vez novamente. Chutar bola para o colega chutar de volta, trocar de dupla. Em seguida na próxima atividade os alunos deveriam chutar a bola para o colega pegar com as mãos no ar, trocar de dupla. Na última atividade os alunos deveriam fazer um círculo, chutar a bola com cuidado para o

aluno que está no centro do círculo não pegar, quem deixasse esse aluno pegar a bola trocava de lugar com ele. Observou-se que os alunos foram participativos e gostaram das atividades desenvolvidas, haja vista as reações de felicidade. Percebeu-se que os alunos não queriam que a atividade acabasse, queriam que o tempo se ampliasse. Um aluno chorou, pois, queria morar na APAE, o que denota uma aproximação dos profissionais com os alunos no cotidiano da escola.

No terceiro encontro foi finalizado a iniciação do futsal. Essa aula contou com um número maior de participantes, com faixa etária menor, com deficiências intelectual e física. O que chamou atenção nessa oficina foi que os alunos mais velhos auxiliavam os mais novos. E que o aluno com autismo teve um ótimo desempenho para realizar as atividades com a bola. A aluna que usa cadeira de rodas, teve dificuldades para chutar a bola, e deslocar-se a mesma foi auxiliada pela Fisioterapeuta. Foi visível sua emoção ao chutar a bola e pegar a bola. O aluno com deficiência intelectual e acentuada dificuldade cognitiva teve dificuldade para executar as tarefas.

O quarto encontro e o último realizado até o momento no dia 14 de setembro de 2017, foi a iniciação do Basquete. Observou-se maior habilidade dos alunos para manusear a bola com as mãos do que com os pés no futsal. Os alunos foram participativos na atividade e alcançaram o objetivo que era manipular a bola.

5 | CONCLUSÃO: DESAFIOS, REFLEXÕES DO GRUPO E SUAS PRÁTICAS

Iniciar o grupo terapêutico como projeto piloto com uma abordagem multidisciplinar diferente dos grupos terapêuticos de saúde mental, para explorar práticas pedagógicas com alunos com necessidades especiais da APAE. Foi um desafio, uma vez que saúde e educação apesar de sua relação histórica raramente dialogam. Mas o que se percebeu nessa experiência é que ao falar de algo tão amplo como a inclusão de pessoas com deficiência é um desafio maior na prática do que na teoria. Os alunos aceitaram muito bem as atividades propostas, sendo relatado por eles sua alegria e disponibilidade para realizar as atividades. Alguns alunos que no início apenas observavam as atividades, com o passar dos encontros começaram a participar. A relação com os profissionais no cotidiano da escola se fortaleceu, sendo que os alunos passaram a interagir com mais frequência com os profissionais envolvidos no trabalho. Em relação as dificuldades físicas encontradas e nas habilidades de executar tarefas observou-se que os alunos com Síndrome de Down e Paralisia Cerebral tiveram mais dificuldade em relação ao deslocamento e velocidade para realizar as atividades, porém conseguiram executá-las.

Houve momentos em que foi necessário realizar correções posturais e auxílio no desenvolvimento das atividades como localizar a bola, localizar o aluno no espaço e tentar fazer com que o foco não fosse desviado. Os alunos demonstraram solidariedade e união pois sempre auxiliavam uns aos outros nas atividades. Essa experiência como

campo de observação foi rica para que se possa refletir novas práticas pedagógicas para alunos com necessidades especiais a partir de suas próprias experiências e se possa efetivar uma parceria profícua e proveitosa em educação e saúde, para as pessoas com deficiência.

REFERÊNCIAS

APAE, **Estatuto Social**. Jacobina, 2015.

ÁVILA, C. F. *[et al]*. **Qual é o lugar do aluno com deficiência?** O imaginário coletivo de professores sobre a inclusão escolar. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, Brasil. Paidéia, 2008, 18(39), 155-164.

BASTOS, A. B. **A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon**. *Psicol inf.* vol.14 no.14 São Paulo out. 2010.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2008. Disponível em: www.mec.gov.br/seesp.

BRASIL. **APAE nossa História**. Disponível em: <http://apaejacobina.blogspot.com.br/p/nossa-historia.html>. Acessado em: 09/05/2017.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de deficiência, 1994.

BRASIL. **Decreto Nº 6.571, de 17 de setembro de 2008**. Atendimento educacional especializado. Disponível em: <http://www.andi.org.br/file/51322/download?token=iPduFKyi>. Acessado em: 09/05/2017.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n.º8.069. Brasília, DF. 1990. Disponível em: www.mec.seesp.gov.br.

BRASIL. **Resolução n.º2. Câmara de Educação Básica, Conselho Nacional de Educação**. Brasília, DF. 2001 Disponível em: www.mec.seesp.gov.br.

CAMPOS, G. W. de S. **Equipes de referência e apoio especializado matricial: um ensaio sobre a reorganização do trabalho em saúde**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4(2):393-403, 1999.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. **Noções sobre Educação Física e Esporte para Pessoas Portadoras de deficiência**. Uberlândia, 1997.

AGUIAR, J.S. *[et al]* **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM ESTUDO NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, Mai.-Ago. 2005, v.11, n.2, p.223-240.

LUNARDI, M. L. **Inclusão/exclusão: duas faces da mesma moeda**. *Revista Educação Especial*, n. 18, 2001.

MAFFACCIOLLI, R, Lopes MJM. **Os grupos na atenção básica de saúde de Porto Alegre: usos e modos de intervenção terapêutica**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(Supl. 1):973-982, 2011.

NOBRE, M. I. R. *[et al]*. **Mães de crianças com deficiência visual: percepções, conduta e contribuição do atendimento em grupo**. *Revista Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humano*. 200 Percepção e Conduta no Atendimento em Grupo. 8;18(1):46-52. 2008.

SOUZA, W. C. **A Inclusão do Educando com Deficiência na Escola Pública Municipal de Goiânia: O Discurso de Professores de Educação Física.** 2003. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias.** 2. ed. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.

ZIMERMAN, D. A. **Importância dos grupos na saúde, cultura e diversidade.** *Vínculo* [online]. 2007, vol.4, n.4, pp. 1-16. ISSN 1806-2490.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-031-5

